



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

SINOP, MT, 19 DE FEVEREIRO DE 2001

Senhor Governador Dante de Oliveira; Senhores Ministros Pimenta da Veiga, Paulo Renato, Gilmar Mendes; Senhor Prefeito Nilson, Presidente da Assembléia; Presidente do Tribunal; Presidentes de todos os Poderes aqui presentes; Governadores, Senadores; Senhor Senador Antero de Barros; Meu líder, Deputado Artur Virgílio; Senhores Deputados, ao saudá-los, saúdo a todos, mas, sobretudo, a esse querido povo de Sinop,

É a segunda vez que tenho o prazer de vir aqui, de sentir o calor desse povo. Quero dizer que, de lá para cá, de 96 para hoje, ao aproximar-se o avião, ao olhar em torno, enchi-me também de alegria. Sinop, hoje, é um pólo de crescimento. Sinop, hoje, é uma cidade que dá orgulho a Mato Grosso e ao Brasil. Por isso, porque toda vez que venho a Sinop sinto esse calor humano, sinto a presença ativa dessa gente que veio de outros estados, mas que, hoje, é mato-grossense porque hoje está incluída em Sinop, em Mato Grosso e no Brasil. Porque sinto isso.

Porque sinto como alguém que já está há seis anos governando o Brasil, há mais do que isso dirigindo os destinos da economia brasileira, há quase 20 no Senado da República e que, portanto, tem a sensibilidade

suficiente para separar o joio do trigo. Venho com esta alegria para dizer a esses plantadores do futuro que o Governador Dante Oliveira não pediu nada, é conversa fiada dele, mas o que ele pediu vai receber. E ele sabe. Antes de chegar aqui, como não sou irresponsável, falei com o Ministro do Orçamento e ele estava ao meu lado. Ele ouviu o que perguntei. O que digo sobre a BR-163, porque não digo palavras vazias, não solto palavras que não têm sentido. Não. Quando digo, tenho que dar consequência ao que digo.

Eu posso lhe dizer com tranquilidade: o Orçamento contempla, de início, 48 milhões de reais para a BR-163, sem contingenciamento. Ela vai começar já. E ela será finalizada até o fim do meu mandato, porque prometi a Sinop e a Mato Grosso. E isso será feito. Esse é o Brasil que nós estamos vendo crescer, que nós estamos vendo desenvolver com confiança. Sinop soube esperar, Mato Grosso soube esperar, o Pará soube esperar. Mas chegou a hora.

E agora, Deputado, vocês que estão lá sabem, esse dinheiro não terá contingenciamento. Será iniciado o mais rápido possível, mas isso nós devemos e não apenas a essa cidade fantástica, mas a este estado extraordinário, que é dos que mais crescem, como disse o Governador Dante. Um estado do qual me orgulho, porque também posso dizer, sem modéstia mas sem exagero, nunca nenhum Presidente da República, na história do Brasil, jamais deu tanto a Mato Grosso quanto o meu governo: na energia, nas estradas, na educação, na saúde, no arroz e no feijão. Nunca. Nunca houve na história um presidente que tivesse se dedicado a Mato Grosso como o meu governo se dedicou. E o Dante sabe disso e foi companheiro.

Então esse “arroz e feijão” de Mato Grosso começa a render seus frutos. E ao render seus frutos, quero reafirmar aqui o que disse o Governador: tudo isso foi feito porque nós lutamos pela democracia. Hoje, nós temos democracia no Brasil. E o Governador pode dizer ao Presidente, com toda a liberdade, qual é a reivindicação do seu povo. E temos tanta democracia, que nós agora precisamos de um pouco mais de educação, para que todos ouçam com dignidade, com respeito, com civilidade, aquilo que o Brasil quer ouvir do seu Presidente.

Hoje, estamos dando passos largos no caminho da educação. A batalha do futuro está sendo travada a partir de agora. Há poucos instantes, aqui, numa sala de aula, eu falava pela Internet com o Rio Grande do Sul e, poucos minutos depois, uma jovem estudante falava com o seu colega nos Estados Unidos. Ela escrevia em português, ele recebia lá em inglês, lá ele escrevia em inglês, ela recebia aqui em português, porque há uma tradução automática na Internet. Isso é o novo Brasil. O Brasil que está se comunicando com o mundo de igual para igual, sem bazófia, com trabalho, com seriedade, com tecnologia. O Brasil que teve a coragem de desatar os nós que o prendiam ao passado.

Hoje, os recursos que estão sendo postos nesse programa, em dois anos, 1 bilhão e meio de reais, não vêm dos cofres públicos, vêm das empresas, muitas aqui presentes – senão todas elas –, que pagam uma taxa, porque ao privatizar as empresas criamos a Anatel, com o Doutor Guerreiro para controlá-las, para ver se atendem ao consumidor e se fazem investimentos. Criamos o Fust – o Ministro Pimenta da Veiga e o Ministro Paulo Renato estão controlando o uso dessa taxa – para que o dinheiro dessas empresas sirva para generalizar a educação moderna, a sociedade da informação, aquela que leva o Brasil a entrar com o pé direito no século XXI. E nós fizemos isso, Senhoras e Senhores, a partir de um momento em que só havia vozes do obscurantismo gritando pelo Brasil afora.

Recordo-me de que, em 94, na campanha de 94, o Ministro Paulo Renato e o Doutor Eduardo Jorge foram ao meu gabinete, que não era um gabinete, era uma casinha modesta, onde sempre trabalhei, lá em São Paulo, na rua dos Ingleses, e lá nós fomos discutir o que fazer com a telefonia no Brasil. Naquela época ninguém falava nisso. Naquela época, estavam todos naquela mesmice de fazer nada, fila para ter telefone, dinheiro extra para poder pagar e receber um telefone, pega o telefone e não dá linha, não tinha nada.

Nós estávamos pensando no futuro, e começamos a selecionar pessoas, alguns estão aqui presentes, nem sabem disso. Foi naquela época, em 94, que começamos a listar quem é que é honesto, quem é que é sério e competente na área da telefonia, e o Ministro Sérgio Motta teve

o condão de chamá-los, de convencê-los, como foi convencido, de que o caminho era uma privatização controlada e que houvesse a presença do Estado, através da Anatel, mas que os recursos privados, ao invés de fluir para outros países, fluíssem para o nosso país, para que pudéssemos fazer o que estamos fazendo: uma revolução tecnológica que colocou o Brasil hoje no mesmo patamar dos países que estão, agora, na vanguarda do novo século, que é o século da sociedade da informação.

É por isso que hoje, em Sinop, é possível fazer o que fiz há poucos instantes, no laboratório aqui ao lado: essa intercomunicação. O programa que estamos lançando aqui é, sim, revolucionário, porque vamos ter todas as escolas secundárias do Brasil, profissionalizantes e secundárias normais, todas, ligadas à Internet. E o Ministério da Educação treinando os professores para que possam saber das coisas que vão falar, e não simplesmente ter vozes para gritar, mas, sim, instrumentos para ensinar e para eles próprios aprenderem.

É um novo Brasil. Um Brasil que, infelizmente, ainda tem que escutar os ecos do passado. Um Brasil que é normal, que assim seja, dada a desigualdade de tantos séculos, mas nós já estamos no limiar de um novo século, em que a inteligência, o trabalho, a competência vão substituir a força bruta, vão substituir aquilo que não agrega valor, e o valor principal é o conhecimento. Estamos, sim, criando as condições novas para um Brasil que muitos nem percebem, nem conseguem vislumbrar. Em 94, quando ninguém falava nessa questão, nós estávamos apostando quem é quem na telefonia para dar um salto. Hoje, também, quando muita gente não percebe, ainda, que nós estejamos entrando numa nova era, nós já estejamos entrando nessa nova era.

Quando alguém, lá fora, como Helmut Kohl, diz que é possível, sim, este país, como outro, como a China, como a Índia, transformar-se em potência, não no sentido militar, mas a potência do futuro, que é o cérebro, que é o conhecimento, que é o acesso generalizado aos meios que permitem a promoção humana, quando ele diz isso, é verdade. E ele sequer sabe o quanto nós caminhamos. Pasma saber que muitos e muitos brasileiros, até os bem informados, não sabem que o Ministério da Educação já treinou muita gente, e já existem, como vi há pouco,

ligações pelo Brasil afora. Em muito estados, como no Estado de São Paulo, já existem programas de implementação que estão avançando, ou seja, nós não estamos propondo alguma coisa que vai ser para um futuro longínquo, é para hoje. Já começou. Essa revolução da informática é o que vai assegurar a soberania nacional. Porque a soberania nacional se consegue com conhecimento, com competência, com capacidade de explicar o porquê e como se fazem as coisas, agregando valor, sendo capaz de fazer o que estamos fazendo.

Agora mesmo, na questão do genoma, o passo imenso que o Brasil deu, conectado com as novas tecnologias. Nós temos essa chance ímpar na História, a de poder, outra vez, acertar o passo com os grandes países do mundo e competir com eles de igual para igual, sem bazófia. Depende de nós, de trabalharmos. Não depende deles. Não adianta chorar, não adianta lamentar, adianta construir, adianta fazer, para que nós possamos, efetivamente, com tranquilidade, dizer: é assim, porque nós sabemos o que estamos fazendo.

Estamos construindo esse novo Brasil. Esse novo Brasil não é construído por mim, pelos ministros, pelos governadores, pelos deputados, pelos senadores, é por todos, é pela sociedade civil, é pela professora, pelo professor, pela ONG, pelo partido político, pela imprensa, por quem critica. Por quem critica com razão ou sem razão, com educação ou sem educação. Não importa, porque é um Brasil que precisa da fusão de todos esses movimentos, desde que haja rumo, desde que haja condução. E o Presidente Fernando Henrique nunca cedeu no rumo.

Posso calar, às vezes, porque tenho responsabilidades históricas. Posso ouvir sem responder, porque tenho um compromisso com o meu país e tenho que levar adiante um programa, mas não tenham dúvidas: quando eu calo não é por temor, é o calar por convicção, é o calar porque sei o que estou fazendo e vou avançar mais. E vamos avançar e mudar esse Brasil.

É por tudo isso que escolhi Sinop. Os ministros sabem, escolhi Sinop porque é símbolo desse novo Brasil, de gente que arregaça as mangas e que trabalha, gente que não olha no retrovisor, olha no futuro. Que mantém a esperança, mas que não transforma a esperança numa forma

de paralisar, que, pelo contrário, a esperança é a forma de motivar, que quando não chega o que se deseja, não se desanima, não se desespera, não se culpa A, B ou C, continua-se trabalhando pelo que se quer e realiza-se e avança-se. Isto é Sinop, isto é o Brasil.

Este programa que lanço hoje em Sinop lanço com emoção. Essa junção do Ministério da Educação com o Ministério das Comunicações, essa junção entre as empresas e o Estado, essa compreensão da sociedade, e até mesmo a pequena incompreensão dos desesperados, fazem parte deste grande Brasil que é o nosso Brasil.

Viva o Brasil!